

TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA AQUISIÇÃO DE LÍNGUA INGLESA PARA APRENDIZAGEM DAS PESSOAS SURDAS COMO L3

Marcelino Renato Carlos¹; Jaqueline França da Silva²

1. Introdução

O contexto educacional atual apresenta lacunas estruturais no acesso da comunidade surda ao conhecimento de línguas estrangeiras (LE). Historicamente, a educação de surdos no Brasil concentrou-se no bilinguismo entre Libras (L1) e Língua Portuguesa escrita (L2), negligenciando o direito ao aprendizado de uma terceira língua (L3) sob o pretexto de que a surdez impediria tal apropriação (QUADROS, 2004). Essa problemática insere-se no “ouvintismo”, onde métodos pautados na oralidade excluem o estudante surdo por falta de metodologias visuais (SKLIAR, 1998; STROBEL, 2008). Privar o surdo do acesso a uma L3 limita sua participação global. Assim, o estudo propõe uma reflexão sobre o uso de tecnologias para a aprendizagem de inglês sob uma perspectiva visual. A relevância consiste na urgência de democratizar o acesso linguístico global, justificando-se pela escassez de produções sobre L3 visual-espacial (SOUSA, 2018). Propõe-se o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como mediação pedagógica e política, fundamentada na defesa do direito linguístico (Lei 10.436/2002) e na pedagogia freiriana (FREIRE, 1992). O objetivo central desta pesquisa-intervenção é analisar como as tecnologias digitais podem atuar como ferramentas de mediação pedagógica e política no processo de aprendizagem da língua inglesa como L3 para pessoas surdas.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa-intervenção de natureza qualitativa realizada no Centro de Interpretação de Libras (CIL) com 06 (seis) participantes surdos que concluíram o ensino médio. A intervenção ocorreu em um encontro presencial de 02 (duas) horas. O processo seguiu três momentos dialógicos freirianos: 1) Leitura de Mundo, através de um círculo de cultura com perguntas geradoras sobre traumas escolares; 2) O Inédito-Viável, consistindo em oficina temática com sites e aplicativos de interface visual para o ensino

¹ Mestrando em Ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: marcelinocarlos248@gmail.com

² Mestranda em Ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: jaquelinefrancatilsp@gmail.com

de línguas; e 3) Sintetização, para avaliação dialógica das aprendizagens. O registro incluiu gravações em vídeo e áudio para análise das sinalizações em Libras. Os dados foram analisados via técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), cruzando os relatos com categorias freirianas e garantindo o anonimato dos participantes (identificados como P1 a P6).

3. Resultados e Discussão

A análise revelou três categorias centrais: **A Denúncia**, **O Inédito-Viável** e **O Anúncio**. Na categoria “A Denúncia”, os relatos (P1, P2 e P4) caracterizaram o ensino escolar de inglês como “mecanizado” e “punitivo”, refletindo a “educação bancária” (FREIRE, 1967). P1 narrou que a falta de explicações em Libras gerava invisibilidade, onde o aluno apenas “espera o tempo passar”. Na categoria “O Inédito-Viável”, a oficina com TDIC permitiu que a percepção de incapacidade desse lugar ao entusiasmo. Os sujeitos celebraram ferramentas iconográficas que rompem barreiras sonoras; P2 destacou a facilidade de ver simultaneamente o sinal, a escrita e a imagem. A tecnologia atuou como suporte para autonomia. Por fim, na categoria “O Anúncio”, o grupo evoluiu para a proposição política, afirmando que a surdez não impede o aprendizado, mas sim a pedagogia inadequada. Surgiram propostas como cursos na Associação de Surdos de Vitória da Conquista (ASVC) e uso de aplicativos para Língua de Sinais Americana (ASL). O aprendizado de L3 foi ressignificado como ferramenta de cidadania e empoderamento para o mercado de trabalho e vida social.

4. Conclusões

A pesquisa-intervenção demonstra que a aprendizagem de L3 pela comunidade surda é um projeto de liberdade viável. Os resultados comprovam que, ao substituir barreiras metodológicas por uma práxis que respeita a visualidade e o *input* visual compreensível (KRASHEN, 1985), o surdo assume o protagonismo. As tecnologias digitais funcionam como impulsionadores da autonomia, rompendo traumas históricos. O inédito-viável manifesta-se no desejo dos surdos de Vitória da Conquista em se tornarem políglotas. Conclui-se que o avanço das políticas públicas deve focar na formação de professores e na produção de materiais pensados por e para surdos, garantindo o direito à comunicação global.

Palavras-chave: Educação de Surdos; Língua Inglesa; Tecnologias Digitais; Paulo Freire; L3

Referências Bibliográficas

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 25 abr. 2002.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KRASHEN, S. D. **The Input Hypothesis: Issues and Implications**. New York: Laredo, 1985.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre a diferença**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOUSA, A. N. **A aquisição de uma terceira língua (L3) por surdos**. [S.l.], 2018.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.